



PRIMEIRO  
MINISTRO

**ALOCUÇÃO DE  
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO  
KAY RALA XANANA GUSMÃO  
NO RETIRO MINISTERIAL DO g7+ NO HAITI**

Port-au-Prince, Haiti  
13 de Novembro de 2012



Palácio do Governo,  
Avenida Presidente Nicolau Lobato,  
Dili, Timor-Leste

Exmo. Sr. Primeiro-Ministro Lamothe  
Exmas. Sras. Ministras das Finanças  
Excelências,  
Senhoras e Senhores,

É um grande prazer estar aqui hoje no Haiti para este Retiro Ministerial do g7+.

Agradeço ao Governo e ao povo do Haiti por organizarem esta reunião e pela sua hospitalidade durante este período tão difícil.

O facto de podermos estar aqui hoje juntos, no rescaldo das perdas terríveis a nível de vidas e bens causadas pelo furacão Sandy, diz bem da determinação e da força do povo do Haiti.

Expressamos ao Haiti e ao seu povo as nossas mais profundas condolências, convictos que os pensamentos de pessoas no mundo inteiro estão convosco, incluindo na nossa pequena nação de Timor-Leste, uma meia ilha situada na encruzilhada do Pacífico com o Sudeste Asiático.

A coragem e a dignidade que o povo do Haiti demonstrou em face dos devastadores desastres naturais, enchem-nos a todos de fé na promessa do espírito humano.

O furacão Sandy surge quase três anos após o trágico terramoto que devastou o Haiti.

Estes desastres naturais reforçam também a necessidade de uma cooperação internacional mais sólida e mais efectiva.

Senhoras e Senhores,

É com grande satisfação que me encontro de novo com a família do g7+.

Este retiro segue-se ao primeiro Retiro Ministerial ocorrido em Juba, muito pouco tempo depois do nascimento do Sudão do Sul enquanto nação. Nessa altura tivemos a oportunidade de desfrutar da calorosa hospitalidade dos nossos irmãos e irmãs do Sudão do Sul.

O Retiro Ministerial de Juba foi um grande sucesso. Uniu-nos em torno do *New Deal* e permitiu-nos desenvolver a estratégia para seguir no Quarto Fórum de Alto Nível sobre Eficácia da Ajuda em Busan, na Coreia do Sul.

Graças a esse retiro e ao nosso trabalho dedicado em Busan, conseguimos que o g7+ e a sua agenda fossem amplamente reconhecidos a nível internacional. Obtivemos ainda um endosso amplo em relação ao *New Deal*.

Estas são vitórias que merecem ser celebradas.

O presente Retiro no Haiti segue-se também ao Evento Paralelo de Alto Nível do g7+, realizado em Nova Iorque durante a recente Assembleia Geral das Nações Unidas.

Esse evento, que contou com a participação de muitos dos presentes, bem como de outros líderes mundiais, deu ainda mais ímpeto à agenda do g7+, tendo igualmente fomentado a compreensão internacional da mesma.

Deste modo apraz-me dar os meus parabéns ao g7+ pelo seu trabalho determinado e persistente, bem como ao Haiti por organizar este importante Retiro Ministerial.

Senhoras e Senhores,

Estamos aqui hoje porque estamos determinados em garantir que os nossos povos são donos do futuro das suas respectivas nações. Isto significa que são os nossos povos quem mais bem compreende os desafios que as nossas nações enfrentam; são os nossos povos quem reconhece o que é necessário para conseguir progressos; e são os nossos povos quem sabe a melhor forma de garantir o nosso futuro.

É por isto que dizemos que a assistência de desenvolvimento deve “pertencer aos países e ser liderada por estes”.

Este é o princípio fundamental do *New Deal*.

Esta reunião no Haiti serve de inspiração para o g7+. O povo do Haiti pode orgulhar-se de ter uma história de luta pela liberdade e pela autodeterminação.

O povo do Haiti, que teve a coragem para derrubar os escravagistas e tornar-se independente em 1804, usou a sua independência e a sua qualidade de membro nas Nações Unidas para apoiar fortemente a descolonização e a independência de nações africanas.

Timor-Leste foi colonizado durante mais de 450 anos. No dia 28 deste mês celebraremos os 100 anos da última rebelião contra o domínio português. Ontem celebrámos também o 21.º aniversário de um massacre perpetrado por ocupantes indonésios contra uma demonstração pacífica de jovens que exigia o fim da guerra.

É com este mesmo espírito de solidariedade e de determinação que queremos avançar com a agenda do g7+.

Em 2000 entrámos no novo milénio com grande esperança no futuro, livres dos erros e conflitos do passado – um futuro que reflete o lado melhor da humanidade e que reconhece que todos temos uma causa comum na protecção do nosso planeta e dos seus habitantes.

Estamos aqui numa altura em que a comunidade internacional reconhece o seu insucesso na concretização dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio para 2015.

Agora que as Nações Unidas estão empenhadas em rever o plano de acção para o período pós-2015 precisamos todos fazer parte deste processo.

Acabei de vir da Indonésia, onde participei pelo quinto ano consecutivo no Fórum de Democracia de Bali, promovido pelo Presidente Susilo Bambang Yudhoyono. Nessa Conferência procurámos levantar questões transversais como democracia, paz e estabilidade, direitos humanos e desenvolvimento.

Assim, enquanto o mundo debate a agenda de desenvolvimento pós-2015, precisamos garantir que a questão da resposta à fragilidade está na vanguarda das conversações. Só deste modo os nossos países podem ter sucesso.

Tal como todos aqui sabemos, não é fácil conseguir estabilidade nacional, paz e solidez.

Basta olhar para a história a nível internacional para ver que a estabilidade nacional não tem sido a ordem natural das coisas.

E o mundo deve começar por concentrar-se nas nações frágeis do globo, incluindo as nações representadas pelo G7+.

Todos nós assistimos incrédulos aos muitos milhares de milhões de dólares que serviram para resgatar países ocidentais que gastaram mais do que podiam.

Foram também gastos milhares de milhões de dólares para resgatar a indústria financeira global – a mesmíssima indústria que foi responsável por atirar o mundo para a recessão.

Não obstante isto, os povos de muitas das nossas nações continuam a ter de lidar com situações de pobreza e privação extremas.

Estamos a fazer o nosso melhor pelos nossos países, trabalhando com afinco para dar aos nossos cidadãos esperança num futuro melhor.

Porém é necessário fazer mais, e é necessário que a agenda de desenvolvimento internacional esteja alinhada com as necessidades reais das pessoas mais pobres e mais vulneráveis no mundo inteiro.

Ainda durante o dia de hoje o Professor Paul Collier irá dirigir-se a este Retiro Ministerial.

O Professor Paul Collier estudou de forma detalhada os custos terríveis da fragilidade e da pobreza extrema, não somente nos países onde vivem os mil milhões de pessoas mais pobres no mundo inteiro (o chamado '*bottom billion*') como também nas nações vizinhas e no mundo em geral.

O Professor argumenta que se nos concentrarmos e fizermos um esforço forte e concertado ao nível de Estados em situação de conflito e Estados pós-conflito, é possível quebrar o ciclo de fragilidade.

O Professor defende ainda, e acho que todos concordamos com isto, que os esforços internacionais devem ser concentrados nos cenários mais difíceis, onde nem sempre é fácil trabalhar mas onde a ajuda é mais necessária.

Senhoras e Senhores,

Segundo o Banco Mundial, cerca de mil e quinhentos milhões de pessoas vivem actualmente em áreas afectadas por fragilidade, crime organizado ou conflito.

De acordo com a nossa própria experiência, é óbvio que não é possível conseguir desenvolvimento, melhorar a saúde e a educação e aliviar a pobreza quando se vive numa situação de conflito.

É por isto que nem um dos países com baixos rendimentos frágeis ou afectados por conflitos atingiu até agora um único Objectivo de Desenvolvimento do Milénio.

Para responder a este desafio, é necessário que os povos das nações frágeis estejam na vanguarda deste esforço.

Mais ninguém pode falar por nós.

Ninguém entende melhor que nós os sonhos que os nossos povos têm em relação ao seu futuro.

O mundo aprendeu da forma mais difícil que não é possível impor a paz e a estabilidade a um país. Aprendeu também que para se conseguirem progressos em nações frágeis é necessário que os esforços pertençam e sejam efectivamente liderados por essas mesmas nações.

Todavia pode ser difícil para uma nação frágil lutar sozinha pelos seus interesses face à agenda de desenvolvimento global.

É por esta razão que precisamos do g7+.

Precisamos de uma voz forte e colectiva para que sejamos ouvidos aquando da tomada de decisões que afectem as nossas nações.

Podemos também aprender uns com os outros e apoiarmo-nos mutuamente na transição da fragilidade para a solidez.

A experiência e os conhecimentos especializados na procura de soluções para a fragilidade nacional não se encontram em Londres, Bruxelas ou Nova Iorque, mas sim em Port-au-Prince, em Juba e nas Ilhas Salomão.

E juntos podemos utilizar esta experiência e estes conhecimentos especializados.

Senhoras e Senhores,

Estou ansioso por trabalhar convosco ao longo do próximo dia e meio.

Antes de terminar, permiti-me fazer alguns comentários a respeito de questões com as quais temos de lidar durante o Retiro.

Precisamos trabalhar para reforçar a nossa agenda e o facto de a base do *New Deal* ser as abordagens interligadas estabelecidas nas Metas de Construção da Paz e Construção do Estado, como princípios FOCUS e TRUST.

À medida que testamos as nossas avaliações sobre fragilidade, precisamos também reconhecer que é mais importante determinar bem os nossos processos e os nossos indicadores do que apressar a implementação e correr o risco de perder a nossa voz.

Tal como afirmou tão bem o meu amigo, o Ministro Kosti do Sudão do Sul, as avaliações não podem ser “sobre nós, sem nós”.

Não devemos ter medo de escrever a nossa própria voz, na nossa própria língua e segundo a nossa própria perspectiva.

Precisamos também assegurar que definimos correctamente os nossos indicadores sobre construção da paz e construção do Estado.

Isto garantirá que antes de poderem alcançar resultados de desenvolvimento mais amplos é preciso abordar as questões em torno da paz e da estabilidade.

Precisamos também continuar a fazer ouvir a nossa voz. Precisamos compensar o facto de termos estado sem voz durante demasiado tempo. E precisamos continuar a participar em fóruns globais e a aumentar o reconhecimento global relativamente às nossas necessidades.

Faço votos que possamos produzir uma declaração colectiva durante este Retiro Ministerial para que possamos avançar com os resultados das nossas conversações.

Senhoras e Senhores,

Este Retiro dá-nos a oportunidade para nos reencontrarmos como amigos, para formarmos novos laços entre nações e para garantir que os nossos povos recebem um tratamento justo por parte da agenda de desenvolvimento global.

Gostaria uma vez mais de agradecer aos nossos anfitriões generosos por todo o seu apoio e hospitalidade.

Muito obrigado.